



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JACKUELINE MARINHO DA SILVA

**O OLHAR DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM RELAÇÃO AO
DESENHO**

JOÃO PESSOA

2015

JACKUELINE MARINHO DA SILVA

**O OLHAR DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM RELAÇÃO AO
DESENHO**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Pedagogia da Universidade Federal da
Paraíba em cumprimento aos requisitos para
a obtenção do grau de Graduada em
Pedagogia, sob a orientação da Prof^a. Dra.
Margarida Sonia M. Monte Silva.

JOÃO PESSOA-PB

2015

S586q Silva, Jackueine Marinho da.

O olhar dos professores da educação infantil com relação ao desenho / Jackueine Marinho da Silva. – João Pessoa: UFPB, 2015. 60f. ; il.

Orientador: Margarida Sonia M. Monte Silva
Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Educação infantil. 2. Desenho infantil. 3. Prática pedagógica.
I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 373.24 (043.2)

JACKUELINE MARINHO DA SILVA

O OLHAR DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM RELAÇÃO AO DESENHO

Trabalho de Conclusão de Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba em cumprimento aos requisitos para a obtenção do grau de Graduada em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a. Dra. Margarida Sonia M. Monte Silva.

BANCA EXAMINADORA:

DATA DA APROVAÇÃO: ____/____/____

Prof^a. Dra. Margarida Sônia M. Monte da Silva
Orientadora

Prof^a. Dra. Ana Luisa Nogueira de Amorim
Membro Examinador

Prof^a. Dra. Jaqueline Brito Vidal Batista
Membro Examinador

Dedico às pessoas que diretamente ou indiretamente participaram da minha vida enquanto acadêmica e pesquisadora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus pela vida. Aos meus pais Sebastião e Nercy, e meu esposo Josivaldo que souberam me entender e pela força em toda essa trajetória. Ao meu filho Heitor que esteve comigo desde o ventre para, finalmente, conseguir realizar mais uma etapa da minha vida. Aos meus colegas, pela amizade e pela troca de ideias ao longo desses quatro anos de Universidade. Agradeço, especialmente, a minha professora e orientadora Margarida Sonia que, pela sua experiência e sabedoria, soube me ajudar a conquistar a minha graduação, e aos demais professores da graduação. Obrigada por tudo!

“Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

Paulo Freire

RESUMO

Este estudo refere-se ao entendimento das professoras da Educação Infantil quanto ao trabalho pedagógico desenvolvido pelas mesmas, como a importância que elas atribuem ao desenho e o desenvolvimento do desenho e suas respectivas fases. O objetivo principal foi identificar a percepção que as educadoras possuem acerca do desenho de crianças de 2 a 5 anos de idade, em uma escola particular do município de João Pessoa. Foi observado que todas as professoras que participaram do estudo revelaram conhecer a importância do desenho sobre o desenvolvimento das crianças e como meio de comunicação com o mundo, como a vulnerabilidade das bases teóricas dessas professoras em relação ao tema. A instabilidade quanto ao estudo teórico científico sobre o assunto está vigorosamente existente na área escolar, posteriormente pode constar que a insuficiência está na própria formação acadêmica as disciplinas não tratam de forma detalhada a particularidade do tema.

Palavras-chave: Educação Infantil. Desenho Infantil. Prática pedagógica.

ABSTRACT

This research refers to the understanding of teachers of early childhood education as the educational work of the same, as the importance they attribute to the design and the development of design and their respective phases. The main objective was to identify the perception that educators have about the children drawing 2-5 years of age, a certain private school in the city of João Pessoa. It was observed that all the teachers in the survey revealed know the importance of drawing on children's development and as a means of communication with the world. I also discovered the vulnerability of the theoretical bases of the teachers in this regard. Instability on the scientific theoretical study on the subject is vigorously existing on school grounds, may subsequently noted that the failure be on academic background, subjects do not address in detail the subject of particularity.

Keywords: Early Childhood Education. Children's drawing. pedagogical practice.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Garatuja Desordenada	13
Figura 02 - Garatuja Controlada.....	12
Figura 03 - Garatuja Nomeada.....	16
Figura 04 – Sala de Aula Maternal II	31
Figura 05 - Sala de Aula Maternal III	31
Figura 06 - Sala do Jardim I.....	32
Figura 07 – Sala do Jardim II:.....	32
Figura 08 – Sala de Vídeo	33
Figura 09 – Refeitório da Educação Infantil	37
Figura 10 – Banheiros Adaptados da Educação Infantil	34
Figura 11 – Banheiros Adaptados da Educação Infantil	34
Figura 12 – Área Recreativa	56
Figura 13 – Área Recreativa	35
Figura 14 – Área Recreativa	56
Figura 15 – Área Recreativa	35
Figura 16 – Portões de Acesso a Educação Infantil	36
Figura 17 – Portões de Acesso a Educação Infantil	36
Figura 18 – Turma do Maternal II	40
Figura 19 – Turma do Maternal II	40
Figura 20 – Turma do Maternal III	41
Figura 21 – Desenhos do Jardim I	42
Figura 22 – Desenhos do Jardim I	43
Figura 23 – Desenhos do Jardim II	44
Figura 24 – Desenhos do Jardim II	45
Figura 25 – Desenhos do Jardim II	45

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O CONTEXTO TEÓRICO EM TORNO DO DESENHO INFANTIL	12
2.1. EVOLUÇÃO DO GRAFISMO INFANTIL CONFORME TEORIA DE LOWENFELD	12
2.2. O GRAFISMO INFANTIL CONFORME TEORIA DE DERDYK	16
2.3. O PAPEL DO PEDAGOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL QUANTO AO DESENHO	19
2.4. IMPORTÂNCIAS DA PRÁTICA DO DESENHO INFANTIL PARA A APRENDIZAGEM	23
3. METODOLOGIA	27
3.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO ADOTADA PELA ESCOLA:.....	28
3.2. ESTRUTURAS FÍSICA E ORGANIZACIONAL DA ESCOLA	30
3.3 CARACTERIZAÇÃO (PÚBLICO ALVO: PROFESSORES E ALUNOS)	37
3.4 INSTRUMENTO UTILIZADO	38
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56
APÊNDICE A	58

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo vem a se caracterizar como Trabalho de Conclusão de Curso, conceituado como exigência para a formação profissional docente, da UFPB.

Conforme o propósito este trabalho foi elaborado em virtude do meu profundo interesse pela área da Educação Infantil, área que atuo há quatro anos. No decorrer da graduação em Pedagogia na UFPB, pude viver várias experiências motivou a produção deste estudo sobre o desenho infantil.

Conteúdos sobre a produção gráfica como meio de expressão, quer dizer, como forma de linguagem, devidamente como o grafismo perante um eixo voltado para o desenvolvimento da aprendizagem, as diferentes etapas pelo qual cada criança passa dependendo de sua faixa etária, foram questionados, impulsionando-me ao estudo deste tema.

Desta forma, maiores investigações a respeito do tema, bem como uma maior difusão dos conhecimentos assimilados acerca da evolução do desenho na criança, no interior do ambiente pedagógico, constata-se como indispensável para o desenvolvimento da prática docente nas escolas.

Como futura pedagoga me envolvi com a temática, de modo a apreender e assim, incentivar no desenvolvimento das crianças.

Diante das inquietações sobre o tema tratado, indagou o seguinte problema de pesquisa: O olhar dos professores da Educação Infantil com relação ao desenho.

Como consequência disso, os objetivos dessa pesquisa se configuram em investigar a postura das professoras de uma escola privada do município de João Pessoa - PB, no tocante ao desenho das crianças, como também ao reconhecimento das representações, que muitas vezes contem histórias, desejos, medos, alegrias, descobrir a magnitude do grafismo infantil enquanto desenho na vida da criança, e saber discernir as diferentes fases do grafismo infantil nos desenhos de seus alunos.

Por conseguinte, para melhor entender as ideias expostas, o estudo foi estruturado em quatro capítulos:

No primeiro capítulo compreende a introdução sobre a pesquisa. No segundo capítulo foram debatidos elementos fundamentais da evolução do grafismo infantil, onde estão dispostas diferentes vertentes e concepções de estudo do

referido assunto, entre elas estão Lowenfeld e Derdyk, autores que tiveram uma grande influência no estudo do desenho infantil. Também foi abordada a questão do papel do pedagogo na Educação Infantil com relação ao desenho, uma vez que, esse desempenha um papel importante na construção do indivíduo como um ser na sociedade. O último tópico do contexto teórico em torno do desenho infantil refere-se à importância da prática do desenho infantil para a aprendizagem, sendo esta de grande valia para o desenvolvimento da criança até chegar no Ensino Fundamental.

O terceiro capítulo busca orientar quanto à metodologia empregada no transcorrer do estudo. Para maiores entendimentos, foram desenvolvidos os conteúdos referentes à concepção adotada pela escola, aos instrumentos utilizados durante a investigação, os participantes, aos procedimentos para a coleta de dados e a análise dos resultados.

E, por fim, no quarto capítulo encontram-se as considerações finais desse trabalho.

2. O CONTEXTO TEÓRICO EM TORNO DO DESENHO INFANTIL

2.1. EVOLUÇÃO DO GRAFISMO INFANTIL CONFORME TEORIA DE LOWENFELD

Viktor Lowenfeld (1977) foi um autor que ressaltou a importância do desenho para o desenvolvimento da criança, seja como transmissor de auto expressão ou como desenvolvimento da capacidade criativa e representativa, caracterizando os desenhos das crianças como algo marcante para o crescimento de suas personalidades. Ele dividiu o desenho das crianças em fases, intitulando-as de acordo com a idade, assim sendo, cada fase marca um novo desenvolvimento da prática gráfica da criança. As fases nomeadas por Lowenfeld são as seguintes: garatuja, dos dois ao quatro anos, fase pré-esquemática, dos quatro ao sete anos; fase esquemática, dos sete aos nove anos; realismo dos nove aos doze anos, pseudonaturalismo, dos doze aos quatorze anos e a arte do adolescente, dos quatorze aos dezessete anos.

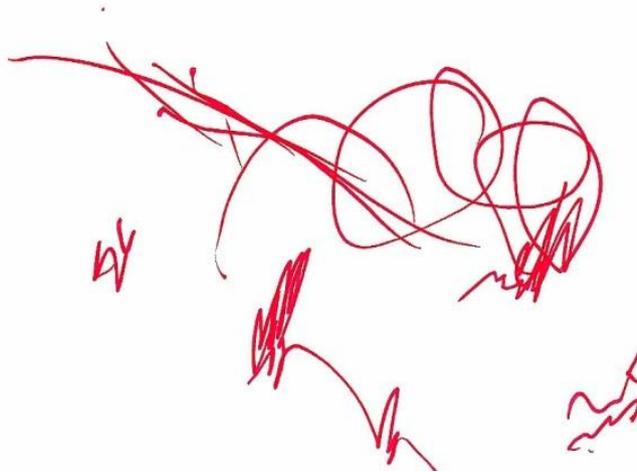
Podemos salientar que o que queremos evidenciar neste trabalho são as fases dos desenhos no desenvolvimento da criança, que vão desde as garatuja até a fase pré-esquemática.

O rabisco é definido como a primeira garatuja da criança, evidenciando a relação com o meio. Se dá por volta dos dezoito meses, quer dizer, com um ano e meio de idade. Esses primeiros rabiscos são embaralhados e desalinhados, pouco a pouco inicialmente a ser reconhecidos de modo que se aproxima de algum desenho real que a criança buscou representar. É valoroso nesse momento inicial, a contemplação do adulto, fazendo jus ao esforço da criança e sobre isso, Lowenfeld e Brittain (1977, p 117), alertam: “ a forma como essas primeiras garatuja forem recebidas pode ter enorme importância para seu crescimento.

O ato de garatujar não necessita de incentivo, diz Lowenfeld e Brittain (1977), e jamais se pode, por outro lado, controlar a criança a parar de desenhar, em consequência de que ela está se descobrindo, se desenvolvendo.

Continuando em uma estrutura crescente no desenvolvimento gráfico, seguindo Lowenfeld e Brittain (1977), as garatuja são classificadas em garatuja desordenadas, garatuja controladas e garatuja com atribuição de nomes.

Figura 01 - Garatuja Desordenada

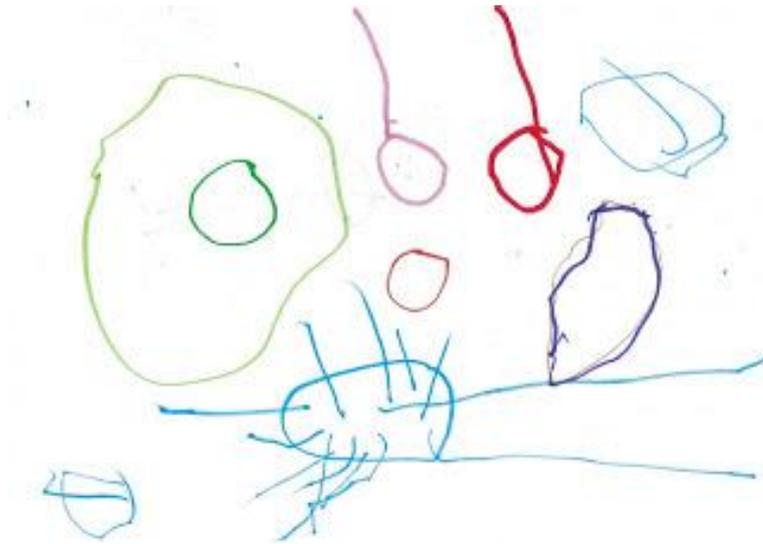


Fonte: LOWENFELD e BRITTAIN (1997).

A garatuja desordenada é determinada por linhas longitudinais e circulares em direção. Como o próprio nome já diz, sem ordem. Normalmente a criança desenha sem mesmo prestar a atenção no que está fazendo, podendo prosseguir seu desenho fora do meio usado, que, em sua maioria, é o papel. Ainda nessa fase, as crianças não têm intenção de retratar seu meio, diz Lowenfeld e Brittain (1977). Seus rabiscos variam bastante com idas e vindas na folha, conforme o movimento do seu corpo.

Como etapa inicial do desenvolvimento da criança, é comum que, nesse estágio ela queira desenhar pelas paredes, mesas, na toalha da mesa, no chão, seja qual for o espaço, caso haja algum material para riscar. Em nenhum momento se pode impor à criança que faça um desenho pedido, em razão de que acreditamos que isso pode fazer com que seu crescimento seja prejudicado, trazendo assim consequências para o amanhã. “É evidente que garatujar é parte natural do desenvolvimento completo das crianças, a qual reflete sua evolução fisiológica e psicológica” (LOWENFELD E BRITTAIN, 1977, p. 120).

Figura 02 - Garatuja Controlada



Fonte: LOWENFELD e BRITTAIN (1997).

Segundo Lowenfeld e Brittain (1977), a garatuja controlada pode ser observada depois de muitos riscos, quando a criança começa a perceber seu desenho e a identificar-se nele. Agora a criança imediatamente começa a modificar sua movimentação e a se dedicar ao desenho. Os rabiscos começam a serem maiores, elas consegue coordenar o espaço sem ausentar-se dele. Em minha experiência como professora da educação infantil, pude reparar que no momento em que uma criança desenha diversas vezes, ela quase encosta sua cabeça na folha, ou até então põe a língua para fora da boca e com deslocamentos, como se tivesse desenhando com ela. Isso nos leva a analisar que todo esse movimento é resultado de sua dedicação em desenhar.

Em torno de três anos e meio, a criança começa a atribuição de nomes às garatujas. Nesse momento, surge o associar o seu desenho com o ambiente, já pensando o que vai almejar expressar. É muito frequente que a criança inicie ilustrando, tendo como exemplo, um gato e ao finalizar fale que é um coelho, e por isso “o espaço de tempo que a criança consome, agora desenhando, aumentará ainda mais, e as garatujas tornam-se muito mais diferenciadas” (LOWENFELD E BRITTAIN, 1977, p. 125).

Figura 03 - Garatuja Nomeada



Fonte: LOWENFELD e BRITTAİN (1997).

Nessa etapa, à medida que as crianças dão nomes aos seus desenhos, inicia-se o uso das cores, sendo as cores também composta por simbolismos, pois existem cores que demonstram agressividade, outras serenidade, mas devemos ter em mente que só a cor não é o suficiente para afirmar algo.

Refletimos agora sobre a última fase desse estudo, que é a fase pré-esquemática. Essa fase desenrola por volta dos quatro aos sete anos e é qualificada pela compreensão da criança em retratar seu mundo, não obstante diversas vezes o que a criança desenha não possa ser apreendido pelos adultos. A criança desperta o desenhar de forma intencional, exibindo símbolos consideráveis a ela e, segundo Lowenfeld e Brittain (1977), quando a criança atinge os cinco anos, os seus desenhos já começam a ser reconhecidos, e aos seis então, os desenhos podem ser bem identificados, de possível entendimento por todos.

Lowenfeld e Brittain (1977) ainda ressaltam que normalmente a primeira representação gráfica da criança aparece como um homem por tantas vezes mostrado com uma cabeça, olhos, pernas e braços longos. E, realçando que “as crianças sabem muito mais sobre o corpo do que aquilo que retratam”, Lowenfeld e Brittain (1977 p 151).

Lowenfeld (1977) ainda aponta para a importância de deixar que se descubra sozinho e na segurança que tais ações independentes costumam inspirar na criança. Para ela, o fato de poder controlar a própria linha que traça no papel, lhe traz uma confiança em si mesma que é muito importante para a sua formação

saudável. Conforme o que o autor diz, os adultos não têm o direito de impossibilitar a criança disso, visto que é um tanto que pode afetar em sua auto segurança para o cumprimento de outras ações.

A partir da leitura dos teóricos Lowenfeld e Brittain (1977), pudemos obter conhecimentos necessários para a compreensão das etapas dos desenhos das crianças, e que o processo de desenvolvimento dessas etapas caracteriza a maneira pela qual a criança se situa no mundo. Diante disso consideramos, então, ser importante o desenho para o desenvolvimento da criança como um todo, pois é através das manifestações do desenho que a criança adquire seu desenvolvimento global. Por fim, reforça-se o papel a atuação do educador no apoio ao processo, desenvolvendo nas crianças o gosto pela criação e pela produção, sendo compreendida como importantíssima.

2.2. O GRAFISMO INFANTIL CONFORME TEORIA DE DERDYK

Com o propósito de uma compreensão sobre as fases da produção artística das crianças, principalmente da evolução do desenho, é indispensável descrever uma breve noção sobre o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo da criança. Para tanto, optamos por mencionar as explicações trazidas acima por Lowenfeld, um importante arte-educador nessa linha de estudo que influenciou a definição e o desenvolvimento do grafismo infantil. E, no presente item, abordamos o trabalho de Derdyk, artista paulistana, apaixonada pela ação de desenhar, que usa diversos suportes para construir seus objetos de trabalho, ou seja, duas importantes referências no assunto do desenho infantil.

Os dois teóricos foram escolhidos porque ao passo que o primeiro está relacionado com o desenvolvimento da faixa etária da criança, o segundo acentuou as relações sociais estabelecidas pelas crianças como essencial instrumento de aprendizagem e desenvolvimento.

Para Derdyk (1989), a instrumentalização do educador é a principal forma de se alcançar uma educação em artes com qualidade. Logo, a arte permite a vivência de experiências e reflexões novas, por qualquer sujeito desde que o educador possua o conhecimento e a capacidade de reflexão sobre a maneira de trabalhar com a arte. Arte é expressão, elaboração, conhecimento.

Permitir que os pensamentos e criações fluam libertos, longe de regras e limitações torna-se um desafio. “A escola funciona como canal que operacionaliza, dentro da sociedade, a passagem de conteúdos que representam e participam de uma visão cultural, regional e universal do patrimônio humano de conhecimento” (DERDYK, 1989, p.12).

Com base nessas definições, pode-se compreender que o desenho da criança se fundamentou como uma ação viva, delicada e de progresso, pois abrange variadas demonstrações do hábito infantil, o visual, verbal, gestual e etc.

De acordo com Derdyk (1989), a expressão verbal e o desenho interagem como linguagens, recriando as significações das figuras, por meio de um jogo entre o real e o imaginário. Por vezes, a vontade de comunicar levará a criança a inventar uma escrita fictícia no desenho, como ela observa no mundo adulto, dando a ele uma função prática.

O desenho é a criação e a análise de determinado objeto feito pela criança, que exerce interação com ele, transformando e reformulando para conhecê-lo. O conhecimento da criança em referência ao objeto depende da representação cognitiva que ela detém. Ao desenhar, a criança apresenta informações que armazenou de seu ambiente, integrando-as e organizando-as um todo racional, compondo seu pensamento. Essa estrutura se mantém em frequente mudança, com o propósito de gerar novos tipos de símbolos.

Derdyk (1989) declara que o desenho é uma forma de criar explicações, hipóteses e teorias para a compreensão da realidade; um meio utilizado pela criança para reinventar o mundo, desenvolvendo suas capacidades intelectual e projetiva ao expressar-se graficamente.

Para Derdyk, a produção de figurações no desenho “... envolve a capacidade de associar, relacionar, combinar, identificar, sintetizar, nomear.” (1989, p. 68). A teórica explica que o conhecimento, a emoção e o pensamento permitiram a mudança entre o meio interior e o exterior da criança, surtindo numa postura criativa.

Entendendo o grafismo como instrumento de expressão, é comum que este se torne um intercessor na análise das vozes das crianças. Não consiste em dizer que o mesmo deva ser feito por meio desse objetivo e, muito menos, mediocrizar o grafismo com meras hipóteses, todavia reconhecê-lo como um meio de comunicação da criança consigo mesma e com o corpo social. “O desenho é a

manifestação de uma necessidade da criança: agir sobre o mundo que a cerca; intercambiar, comunicar” (DERDYK, 1989, p.51).

Dessa maneira, o desenho como sendo também uma criação da criança, atinge espaço como ouvinte da voz infantil. Exprime através das ações e reflexões a ele destinadas, confusos detalhes, cujo sinalizam significados e intencionalidades.

Ao desenhar, a criança dispõe do seu corpo, sentimentos, reflexões, comparações, vivências, conhecimentos e outros elementos que a constituem e que se revelam na ação de desenhar. A mesma exerce interação com os instrumentos de maneira particular e momentânea, demonstrando o que deseja para aquele tempo que está desenhando e mesmo quando não há pretensões, exerce ações que naquele momento foram possíveis.

O desenho se realiza a partir de elementos executados pelos sujeitos, como é o caso das cores, do ponto, linha e outros fatores que fundamentam a arte gráfica.

A linha, elemento essencial da linguagem gráfica, não se subordina a uma forma que neutraliza suas potencialidades expressivas. A linha pode ser uniforme, precisa e instrumentalizada, mas também pode ser ágil, densa, trepidante, redonda, firme, reta, espessa, fina, permitindo infindáveis possibilidades expressivas. A linha revela a nossa percepção gráfica. Quando maior for o nosso campo perceptivo, mais revelações gráficas iremos obter. A agilidade e a transitoriedade natural do desenho acompanham a flexibilidade e a rapidez mental, numa integração entre os sentidos, a percepção e o pensamento. (DERDYK, 1989, p. 24).

Sendo assim, desenhar é deixar que o ego da criança funda-se com a sua movimentação motriz, mostrando, quer na folha de papel ou não, desenhos que revelam o mundo interior de cada sujeito. E mais isso ocorre principalmente nas crianças que ainda não conhecem os símbolos do universo dos adultos; isto é deixando em seus rabiscos registros de seus crescimentos cognitivo, psicomotor e motor, além da relevância de suas emoções.

O ato de desenhar exige poder de decisão. O desenho é possessão, é revelação. Ao desenhar nos apropriamos do objeto desenhado, revelando-o. O desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os sins e os não da sociedade (DERDYK, 1989, p. 46).

O ato de desenhar surge na vida de uma criança muito antes de ela entrar na escola, uma vez, que da mesma forma pode ajudar na socialização quando

realizado de modo não individual. Desenhar é uma forma de a criança lidar com a realidade que está perto, simbolizando circunstâncias que lhe envolvam.

2.3. PAPEL DO PEDAGOGO NA EDUCAÇÃO INFANTIL QUANTO AO DESENHO

De acordo com a (LDB) 9.394/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na Seção II, artigos 29,30 e 31,

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

A Educação Infantil será oferecida em creches, ou entidades equivalentes, para criança de quatro a seis anos de idade.

O educador que trabalha neste segmento de ensino necessita sempre meditar a respeito da sua prática pedagógica, condição essencial para o seu crescimento profissional. Precisa também conscientizar-se da grande importância do seu trabalho, onde um termo que logo deve vir à mente desses especialistas é o compromisso, com as crianças que lidam diariamente na Educação Infantil.

Segundo Camargo (2005, p. 14):

A qualidade do trabalho que pode vir a ser encaminhado nesse segmento de ensino estará sujeita à qualificação do educador que a ele se dedique, o que inclui a sua leitura atenta sobre o seu espaço de atuação profissional, bem como o seu investimento no estudo e na busca de fundamentação teórica sobre a infância, o cuidado, o ensino e a aprendizagem.

Nessa explicação, o pedagogo tem uma atribuição complementar uma vez que se refere ao aspecto motor de seus alunos, em razão de que ele deve e pode fazer um trabalho que vise à linguagem corporal, ou seja, o corpo como forma de movimento e expressão. Porém, para que este trabalho seja significativo, o pedagogo tem necessidade de conhecer a sua turma, estar informado das dificuldades de cada um para então preparar um planejamento que contemple a todos de forma efetiva, prazerosa e envolvente.

Um ponto que não pode ser esquecido é com relação às interações que as crianças vivenciam com os adultos e com as crianças da mesma idade, uma vez que é praticamente irreal referirmo-nos à Educação Infantil sem nos remetermos a estas relações, e aos benefícios que é proporcionado para as crianças, que é ser capaz interpretar o mundo em que vive tanto, como social e cultural em que está inserida. Levando em conta as instituições de ensino que lidam com crianças de 0 a 6 anos e, especialmente de 0 a 3 anos uma enorme responsabilidade. Os encaminhamentos propostos devem levar em conta as necessidades específicas deste sujeito, “percebendo que seu acolhimento constitui parte substantiva das ações a serem encaminhadas e que nelas se inclui o desenvolvimento das práticas pedagógicas” (CAMARGO, 2005, p. 12).

É inquestionável a relação entre criança e educação e que esta interligação torna indispensável e indissociável o aprendizado que é conferido a ela, unificando todas as áreas de conhecimento, conferindo-lhe tudo que realmente for significativo, ampliando suas relações consigo e o mundo. “O professor deverá ser o incentivador no processo educativo da criança, pois o período em que estará com ela é de suma importância para o desenvolvimento de sua mente e do seu corpo” (Miranda, 2008, p. 13).

Por esse motivo, é relevante o papel do pedagogo na Educação Infantil como intermediador no processo de interação educativa, promovendo nas Escolas de Educação Infantil a criação do “Cantinho das Artes”, sendo esse um dos eixos da aprendizagem, cuja a finalidade é produzir nas crianças o gosto pelas artes, como também conduzir a criança a se tornar um ser livre, não deixando de acentuar o importante papel do desenho no desenvolvimento infantil.

O educador deve preparar um espaço na sala da Educação Infantil, um lugar equipado de materiais necessários para suas produções artísticas como, por exemplo, tinta guache, pintura a dedo, massa de modelar, lápis de cor, giz de cera, hidrocor, folhas brancas e outros. Em síntese, como destaque, o professor deve ser uma pessoa flexível, capaz de abandonar sua própria concepção de traçado correto e reunir o entusiasmo e o interesse das crianças, porquanto um pedagogo que é dedicado, carinhoso, contribuir na expressão criadora individual.

O pedagogo na Educação Infantil tem que estar preocupado com a organização e com a aplicação das atividades que contribua para o desenvolvimento da criança. Tendo o papel de diariamente criar um espaço na escola que seja lúdico

e de aprendizagem. Ele tem como dever observar a sua própria prática, assim como pesquisar estratégias que irá ajudar a criança a desenvolver sua autonomia, imaginação, criatividade e etc, ou seja, o pedagogo deve exercer sua função com comprometimento e profissionalismo.

Considerando a produção gráfica infantil como algo de suma importância para o desenvolvimento da criança, através da expressão de emoções e sentimentos, despertou em nós o interesse em procurar analisar a postura do pedagogo acerca do desenho produzido pelas crianças de 2 a 5 anos.

O desenho tem papel fundamental no dia a dia da criança, que em sua primeira relação com o mundo exterior utilizou de rabiscos e traços para marcar e explicitar suas necessidades, vontades e perspectiva do mundo.

A admiração do pedagogo para o desenho infantil tem uma forte relevância para a criança, dado que a depender de como este reaja em relação a estes símbolos, a criança pode ser incentivada a se exprimir e evidenciar o seu potencial criativo. Se o professor atestar uma postura insatisfeita diante de sua produção, a criança pode se desanimar.

O pedagogo tem atribuição imprescindível na busca de articulação do trabalho pedagógico. Entende-se que o papel do pedagogo é conceber as crianças os princípios de uma infância, onde as interações, as brincadeiras e a ludicidade são os aspectos importantes que contemplam o universo infantil, a assistência à criança, e principalmente o desenvolvimento de uma prática pedagógica, com vistas a considerar a capacidade infantil nas suas produções gráficas, considerado como um meio saudável de expressão não ignorando, pois cada uma independente da faixa etária traz contribuições importantes, então diante disso cabe ao pedagogo obter um conhecimento teórico sobre o desenho infantil, e como consequência saber identificar as formas de comunicação feita às vezes por simples rabiscos ou por meio de traços e cores.

[...] a criança de 5 anos desenha o pai (1 cabeça e 2 pernas) e diz: pronto, desenhei o pai. Nesse momento seu pai pega a criança no colo e aperta bem com as mãos e questiona com ela. A criança ao desenhar novamente o pai, irá acrescentar as mãos as quais se tornaram importantes para ela e outras partes se assim foram estimuladas. (LOWENFELD, 1977, p. 41)

Assim, a temática sobre o papel do pedagogo na Educação Infantil quanto ao desenho, trouxe para nós uma preocupação de fazer um estudo de como

realmente é vivenciada na prática essa questão do desenho. Verificar se os educadores tem um olhar sensível às produções das crianças. Também quanto o desenvolvimento da criança, procurar investigar se os (as) pedagogas compreendem o desenho como instrumento de comunicação, e expressão gráfica da criança e qual o estímulo para o desenvolvimento global da criança, e ainda, como um contribuinte para a formação de pensamentos e percepção do mundo.

O desenho estando fortemente presente na vida das crianças, com certeza deve fazer parte das rotinas pedagógicas, nas Escolas de Educação Infantil, logo aparece às interrogações sobre como são trabalhados, direcionados ou o que significa estas produções para o pedagogo? Pode-se ensinar uma criança a desenhar?

No ambiente dos professores, como também em reuniões pedagógicas geralmente surge aquele diálogo sobre os exercícios mimeografados na Educação Infantil, grande parte das escolas de Educação Infantil trabalha de forma exagerada as atividades no papel, cobram interpretação de obras que nesse ponto de vista nada mais é do que o desenho mimeografado.

Consideramos isso como algo que precisa ser superado. O desenho pronto e formado é frequentemente encontrado, uma vez que, são realidades de práticas que cortam a criatividade e a liberdade de expressão, mesmo sendo lembrados sobre o valor de deixar a criança criar, experimentar e vivenciar diferentes técnicas e suportes.

À vista da defesa da ideia de conhecer as crianças e reconhecer sua força, fica destacada a crítica à estimulação de estereótipos, já que os mesmos como expostos são encarados como dificuldades que tira a ação das crianças no meio social, isto é, impede o símbolo próprio da criança do qual tem muito a mostrar.

Na Educação Infantil, é imprescindível que haja uma evolução das competências das crianças, assim sendo, é necessário romper com as ideias de certo, errado, belo, feio e não engrandecer práticas de reprodução de desenhos e nem modelos estereotipados. Entretanto esse rompimento é muito difícil, por que muitas vezes os próprios professores foram educados como alunos reprodutores de desenhos, ou seja, passaram a vida inteira desenhando a flor, a casa e o cachorro que aprenderam na escola.

Pelo exposto acima somos levados a concluir que o pedagogo juntamente com a escola, por sua vez, deve favorecer para o crescimento íntegro da criança, do

mesmo modo estar atencioso às expressões gráficas das crianças, pois este deve ser visto como algo poderoso, reforçando que o desenho da criança deve ser orientado sem que lhe seja excluída a sua criatividade.

2.4. IMPORTÂNCIAS DA PRÁTICA DO DESENHO INFANTIL PARA A APRENDIZAGEM

Este capítulo do trabalho monográfico foi motivado pelo desígnio de reconhecer as contribuições do desenho infantil no desenvolvimento da criança. Foi necessário refletir outros enfoques teóricos como Ferreira, Vygotsky, Dondis e Barbosa, com o propósito de complementar a definição do desenho infantil, dado que manifestaram outras particularidades que o integram.

A partir de muito cedo, a criança manuseia o lápis e o papel ou qualquer outro material e superfície semelhante para mostrar graficamente os seus símbolos, os seus rastros, seus rabiscos ou também para reproduzir a escrita de um adulto.

Segundo Derdyk:

O desenho é indecifrável para nós, mas, provavelmente para a criança, naquele instante, qualquer gesto, qualquer rabisco, além de ser uma conduta sensório-motora, vem carregado de conteúdos e de significações simbólicas. (DERDYK, 1989, p.57)

O desenvolvimento do pensamento da criança está conectado à habilidade simbólica, para que o pensamento exista é preciso que haja a capacidade de tornar presente, deste modo, de prover objetos ausentes através de palavras e imagens. Para qualquer imagem que a criança faz, o jogo simbólico e o desenho passam a ser uma inevitabilidade e é desse jeito que elas vão se introduzindo no método de representação, a começar do estágio pré-operatório, em que se inicia o processo de representação, relacionando-se com a escrita como se igualmente fosse um jogo que possui regras e, conjuntamente o imaginário.

Nas palavras do referido autor:

Assim como no brinquedo, também no desenho o significado surge, inicialmente, como um simbolismo de primeira ordem. Como já dissemos, os primeiros desenhos surgem como resultado de gestos manuais [...]; e o gesto, como vimos, constitui a primeira representação do significado. É somente mais tarde que, independentemente, a representação gráfica começa a designar algum objeto. A natureza

dessa relação é que aos rabiscos já feitos no papel dá-se um nome apropriado (VYGOTSKY, 1988, p. 125).

O desenho e a escrita por tantas vezes se cruzam dentro das representações infantis, a criança inventa seu próprio feitio de representação, então logo a escrita para de ser uma representação mental e transpassa a ser uma representação gráfica, cheia de sentidos.

O desenho manifesta o desejo da representação, mas também o desenho antes de mais nada, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial. (DERDYK, 1989, p. 51).

O desenho infantil é o alicerce para a observação da evolução da criança. O seu desenvolvimento colabora para a representação simbólica, motora, emocional e de modo consequente para a aprendizagem.

Segundo a expressão artística, o desenho assim como as demais manifestações da arte “[...] significa muitas coisas, em muitas circunstâncias e para muitas pessoas.” (DONDIS, 1997, p. 02). Trabalhar a arte na Educação Infantil demanda bastante percepção e empenho, a arte é um meio de comunicação visual e não estipula um regime arbitrário. O desenho faz com que a criança passe a se expor de modo livre, apto para converter informações que assimila do seu cotidiano. “Os educadores são os porta-vozes de uma visão de mundo, transmissores de comportamentos, interferindo direta e ativamente na construção de seres individuais e sociais”. (DERDYK, 1989, p.11).

Infelizmente existem alguns professores movidos pela inquietação em executar um determinado planejamento, desconsidera a importância da arte para o avanço da criança em sua perspectiva cognitiva, esse tipo de comportamento normalmente surge de uma falta de conhecimento científico e teórico, uma vez que, a arte, na escola, tem o papel de ser um recurso impulsor da aprendizagem.

Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, arte representa o melhor trabalho do ser humano. (BARBOSA, 2002, p.4).

Segundo Moreira (1984), a criança desenha para deixar sua marca, já que ainda não se apropriou da escrita. Sendo assim, o desenho é para a criança uma forma de expressão assim como o gesto e a fala.

O desenho é uma prévia para a escrita, os dois detêm uma correlação de reciprocidade, sendo que, quão grandemente mais possibilidades as crianças tiverem de representar no papel, seja qual for a sua produção acerca do universo que as rodeia, expressando seus sentimentos e emoções, mais ela estará instruída para apoderar-se do processo da escrita, ciente que a escrita é um meio de representação.

É necessário entender que o desenho infantil conta com uma posição de importância em relação ao ensino e aprendizagem da escrita, em consequência que o desenho é um quesito considerável para a aquisição da escrita, e esse assunto deve passar a ter maior destaque na formação dos pedagogos.

Em seus estudos, Ferreira permitiu observar que:

As atividades com desenho/escrita oportunizam a criança entender que aquilo que ela pensou pode ser desenhado, passando assim da linguagem oral para a linguagem gráfica, desenhando. E entende também que tudo aquilo que desenharam pode ser traduzido para a forma escrita e que esta é mais elaborada e necessita de regras para poder cumprir sua função social. (FERREIRA, 1997, p. 71)

O desenho da criança é a primeira exposição da escrita humana, do mesmo modo que é a primeiro método de simbolismo usado por ela. O desenho tem uma configuração lúdica, é frequente em algumas escolas no estágio da alfabetização distanciar a criança desse tipo de linguagem. A resultância é evidente, sempre que se incentiva à criança a desenhar, sua contestação é quase imediata “Eu não sei desenhar”.

Por intermédio do desenho, a criança emprega no papel, toda a suas vivências, sentimentos, emoções, a interpretação da sua conjuntura social, da sua casa, da sua instituição escolar, etc. De forma relaxada e agradável, capacitar-se a aprimorar princípios básicos de sequencia, tempo, quantidade, espaço, ou seja, apoderando-se do respectivo saber que é formado considerando seu progresso. Além de tudo, ao longo do desenvolvimento do desenho livre, a criança obtém as primeiras incumbências sociais da escrita, visto que sua comunicação feita através do desenho pode ser entendida por outras pessoas antes que ela desenvolva a escrita tradicional.

Diante das posições destaque que o desenho e a escrita são duas linguagens, que embora sejam diferentes, exercem interação, e várias vezes se

integralizam, em razão de que cada uma tem a sua particularidade. Todavia, acreditamos que o desenho é precedente a escrita, assim sendo ele é um meio de linguagem onde a criança propaga pensamentos e também se exterioriza da sua maneira com o universo dos adultos.

3. METODOLOGIA

O trabalho de pesquisa de campo caracteriza como uma pesquisa qualitativa considerada por Bauer e Gaskell (2000, p. 32) “[...] intrinsecamente uma forma de pesquisa mais crítica e potencialmente emancipatória”. Escolhemos essa metodologia pelo objeto de estudo, ou seja, as exposições artísticas das crianças, as relações interpessoais e práticas pedagógicas; ou melhor, dizer questões impossíveis de se avaliar quantitativamente.

Com este objetivo foi realizada uma pesquisa de campo, coletando informações precisamente com a população pesquisada. De acordo com Gonsalvez (2001) ela exige do pesquisador um encontro mais direto. O pesquisador precisa ir até o local onde ocorrerá à pesquisa e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. Segundo Luck e André, (1986) uma pesquisa qualitativa deve ocorrer um ambiente natural como fonte de coleta de dados e o pesquisador é o instrumento principal. Deve ter um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação investigada mediante o trabalho de campo.

A pesquisa qualitativa se prende em entender e analisar as informações, levantando uma concepção específica daquilo que estuda, não se importa com generalizações, ideias e medidas.

O foco do estudo foi levantar qual a concepção das professoras com relação ao desenho infantil dentro da faixa etária de 2 a 5 anos. Portanto, para a pesquisa, nos detemos em analisar as entrevistas realizadas com as professoras, que investigam o cotidiano infantil, e a avaliação realizada ao fim das atividades propostas, que visam identificar as fases do grafismo infantil como também o que a criança expressa através de seus rabiscos e desenhos.

Para a elaboração do presente trabalho, foi indispensável, a princípio, uma pesquisa bibliográfica contendo obras literárias de autores, que adotam o desenho infantil como alvo de estudos e pesquisas.

Desse modo, o levantamento bibliográfico cooperou para um significativo aprofundamento das concepções que conduziram a investigação.

As informações sobre a escola alvo do estudo, sobre o público alvo da pesquisa e o instrumento utilizado durante o período de atuação do estudo.

3.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO ADOTADA PELA ESCOLA:

A Escola pesquisada foi escolhida pelo fato da pesquisadora ser uma das professoras que compõe o corpo docente da Educação Infantil, haja em vista, a questão da praticidade para realização das observações e assim para o desenvolvimento da própria pesquisa. Ela está localizada no Jardim Cidade Universitária, é uma instituição particular de ensino, que atende as populações dos bairros de João Pessoa, principalmente Bancários, Mangabeira e Jardim Cidade Universitária.

A Escola acredita que o processo educacional deve contemplar um tipo de aprendizagem que favoreça o surgimento do cidadão crítico, numa perspectiva de formar cidadãos e cidadãs que integrem e contribuam para sua comunidade. Para a criança é capaz de exercer sua cidadania, refletindo sobre as questões sociais, buscando alternativas de superação da realidade e ultrapassando uma mera reprodução de saberes sem conexão com o mundo real.

A Escola é identificada com o processo de construção de uma sociedade mais justa. Como um espaço em que a prática pedagógica é entendida como uma prática de vida, de todos e com todos. Uma escola democrática, competente e comprometida com a aprendizagem significativa da criança, buscando transformar informações em saberes necessários à vida dos alunos. São desenvolvidos na escola, os seguintes projetos: Bons Hábitos boa Alimentação, A mostra de Atividades, Incentivo a Leitura e Atividades Internas, como Ballet e Judô.

Desse modo, a escola busca participar da construção educacional brasileira, consciente de que é pela educação que se desenvolve o cidadão íntegro, responsável e apto, capaz de interagir com o mundo em sua volta e ter a sensibilidade para perceber a essência da natureza e do ser humano, conquistando, assim, passo a passo o seu espaço na sociedade.

A escola, como colaboradora no processo formador do ser humano, propõe a construção de uma sociedade crítica, reflexiva, democrática e integradora, fruto das relações interpessoais, caracterizadas pela interação de culturas diferentes, onde cada cidadão constrói conscientemente a sua existência de forma singular e coletiva.

Sabendo da importância de se trabalhar a inclusão, sabendo que esse termo abrange vários segmentos (negros, indígenas, homossexuais, pessoas com deficiência e etc.) em diversos campos (inclusão escolar, cultural, social e etc.). De acordo com Lima (2006), o termo inclusão propõe a modificação da sociedade para torna-la capaz de acolher todas as pessoas. Percebemos que hoje em dia muito se tem debatido e problematizado a respeito dos assuntos, que compreendem a educação inclusiva, na tentativa de uma educação de qualidade e relevante, bem como pelo esforço de cumprir a inclusão, fato este muito difundido no meio escolar por teóricos e educadores preocupados com a formação do ser humano como um todo. Segundo Lima (2006), a legislação é precisa quanto a obrigação das escolas acolherem a todas as crianças que se apresentam para a matrícula. Todavia, é essencial que esse acolhimento não seja meramente formal e que o aluno com deficiência tenha condições reais de realizar integralmente suas potencialidades.

A Escola objeto da pesquisa busca trabalhar com a inclusão em sua plenitude, atendendo as crianças que necessitam de cuidados especiais, de modo responsável e dinâmico, interagindo com profissionais e familiares em busca da melhor forma de alcançar seus objetivos. As crianças de inclusão que no caso da escola pesquisada são crianças com Síndrome de Down e Transtorno Espectro Autista têm atendimento psicopedagógico e psicológico, ou seja, fundamentada nos princípios educacionais da Constituição Federal e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, praticando a universalização da igualdade de acesso, permanência e desenvolvimento sócio, afetivo e cognitivo das crianças confiadas a esta instituição de ensino por parte de seus profissionais. Sendo assim, a LDB (Lei n. 9394/96) em seu capítulo V, que trata sobre a Educação Especial, inciso III, menciona que os professores devem ser especializados e capacitados:

Capítulo V

Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação: [...]

III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns;

Ocorre um trabalho de conscientização para com as crianças para que percebam a diferenças e interajam com elas acreditando que assim, estará

contribuindo para a formação de um ser humano mais justo e mais solidário com os outros.

A Educação Especial vem passando por uma fase nova, pois estão fazendo uma repercussão sobre a educação inclusiva, onde as pessoas tem tido um novo olhar para as pessoas com deficiência, a própria mídia que é um meio de veiculação de notícias tem trazido para alvo de discussões e tem gerado uma série de mudança que só tem contribuído de uma maneira positiva na vida dessas pessoas.

Para que esses alunos participem com os outros, é indispensável que haja, além de muita compreensão, uma postura de atuação mútua entre as professoras, a instituição e os próprios colegas de classe, sendo, portanto inescusável que os interesses e objetivos faça-se de um modo coletivo e que tanto as pessoas com deficiência e as sem deficiência estejam inseridas dentro das programações da escola.

3.2. ESTRUTURAS FÍSICA E ORGANIZACIONAL DA ESCOLA

A estrutura física da escola é muito boa, as salas são amplas, com cadeiras apropriadas, armário para guardar materiais e quadro em lousa. O material necessário para o andamento das aulas é satisfatório, do início do ano letivo até o fim do ano letivo. A equipe gestora da escola procura sempre suprir as necessidades materiais da escola, participando ativamente do cotidiano e contribuindo para o bom andamento da escola. A equipe administrativa é formada pela: diretora, coordenação pedagógica, secretária e setor financeiro. Existem várias dependências para realização de atividades, tais como: quadra esportiva coberta para prática de educação física, laboratório de informática equipado com vários computadores, sala de multimídia, sala de artes, sala de Ballet e Judô, biblioteca, sala de educadores, salas administrativas, refeitórios, cozinha com todos os equipamentos e utensílios necessários e banheiros adaptados.

Figura 4 – Sala de Aula Maternal II



Fonte: Acervo da autora

Figura 5 - Sala de Aula Maternal III



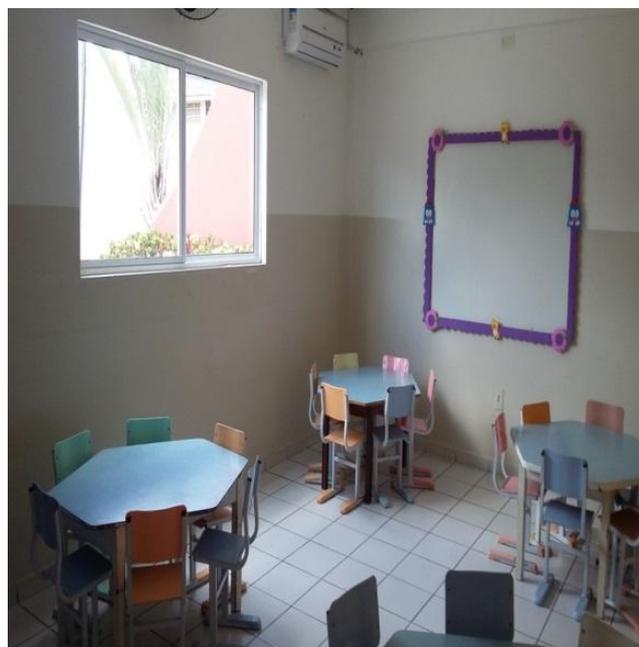
Fonte: Acervo da autora

Figura 7 – Sala do Jardim II



Fonte: Acervo da autora

Figura 6 – Sala do Jardim I



Fonte: Acervo da autora

Figura 8 – Sala de Vídeo



Fonte: Acervo da autora

Figura 9 – Refeitório da Educação Infantil



Fonte: Acervo da autora

Figura 10 – Banheiros Adaptados da Educação Infantil



Fonte: Acervo da autora

Figura 11 – Banheiros Adaptados da Educação Infantil



Fonte: Acervo da autora

Figura 12 – Área Recreativa



Fonte: Acervo da autora

Figura 13 – Área Recreativa



Fonte: Acervo da autora

Figura 14 – Área Recreativa



Fonte: Acervo da autora

Figura 15 – Área Recreativa



Fonte: Acervo da autora

Os horários de entrada e saída são rigorosamente cumpridos. A pontualidade, bem como a assiduidade, é de grande importância para o bom desempenho das atividades propostas. Atrasos e saídas constantes dos alunos não

são permitidos, a fim de respeitar o educando e não prejudicar o funcionamento interno da escola.

Figura 16 – Portões de Acesso a Educação Infantil



Fonte: Acervo da autora

Figura 17 – Portões de Acesso a Educação Infantil



Fonte: Acervo da autora

Turno da manhã

Turmas	Entrada	Saída
Educação Infantil	7h	11h
Ensino Fundamental I	7h	11h30min
Ensino Fundamental II	7h	12h20min

Turno da tarde

Turmas	Entrada	Saída
Educação Infantil	13h	17h
Ensino Fundamental I	13h	17h30 min
Ensino Fundamental II	13h	18h20min

O portão é aberto 15 minutos antes do horário de início da aula, portanto chegando antes, os portões serão encontrados fechados. Os responsáveis têm uma tolerância de 20 minutos para pegar o aluno, sendo assim, é norma da escola que seja pontual. O aluno só poderá se ausentar antes do término das aulas se apresentar uma comunicação por escrito do responsável, esta medida tem por objetivo visar à segurança.

O dia de levar brinquedo para escola é apenas sexta-feira, sendo solicitado que os pais fiquem atentos para que as crianças não tragam brinquedos nos outros dias da semana, caso isso ocorra, o brinquedo fica com a professora durante o período da aula. O brinquedo favorece o aprendizado da criança, porém, se utilizado em momentos impróprios, ele desvia a atenção da criança do que está sendo trabalhado em sala.

Fica evidenciado que a escola não se responsabiliza pela perda de objetos pessoais, inclusive de brinquedos, desse modo, é pedido que seja evitado enviar brinquedos de alto valor.

A padronização do uniforme é de extrema importância, dá sentido de coletividade, favorece a economia familiar e garante uma maior segurança dentro e fora da escola, pois traz as cores, o nome e o logotipo da escola, facilitando a identificação do aluno.

Portanto, o uso do uniforme é obrigatório em qualquer atividade escolar: aulas, avaliações, projetos e aulas extraclases, inclusive nas aulas de Educação Física, caso o seu uso seja liberado, tem que ser previamente avisado pela coordenação da escola.

O fardamento social é composto pela camisa padronizada da Escola, calça padronizada; tênis ou sapatos fechados. Já o fardamento da Educação Física é a camiseta padronizada da Escola; bermuda padronizada e tênis.

3.3 CARACTERIZAÇÃO (PÚBLICO ALVO: PROFESSORES E ALUNOS)

A Escola funciona em dois turnos, matutino e vespertino, nos cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e, também atendendo a necessidade dos pais, disponibilizando a Escola Integral.

Os alunos que são do período integral ficam na escola durante 10 horas diárias, sendo um turno em sala de aula regular, com disciplinas curriculares e o

outro com atividades extracurriculares, tornando, assim, além de um ambiente agradável e acolhedor para os alunos, um lugar de aprendizado contínuo.

A clientela atendida pela escola é basicamente homogênea. Nota-se o nível socioeconômico dessas crianças pelo fato de estarem em uma escola particular, como também pela qualidade do material escolar e até pelo comportamento e atitudes que apresentam. Muitas crianças chegam à escola de transporte escolar também particular ou com seus pais, geralmente em veículos. A escola possui alunos com bolsa de estudo e ainda filhos de funcionários que estudam lá, porém não reconheci nenhum tipo de tratamento diferenciado e desse modo nem consegui identificar alunos nessas características.

Quanto às atitudes em sala de aula, os problemas existem, alguns alunos apresentam desatenção e dispersão. Para tentar resolver estes problemas, a escola usa de todos os meios que dispõe, como a orientação educacional e pedagógica, além da constante participação dos pais na escola, acompanhando possíveis dificuldades para que família e escola sanem os “problemas”.

3.4 INSTRUMENTO UTILIZADO

Como forma de investigar a compreensão das professoras sobre o desenho infantil, foi aplicado um questionário contendo quinze questões, pré-estruturadas, aplicado individualmente a cada uma das professoras que fazem parte da equipe da Educação Infantil da escola campo.

Com a finalidade de garantir o anonimato e distinguir individualmente as participantes da pesquisa atribuímos-lhes letras do alfabeto maiúsculas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa foi iniciada em novembro de 2014, objetivando identificar como as professoras vivenciam o desenho infantil na sua prática pedagógica, além de analisar de que maneira o desenho influencia no desenvolvimento da criança.

Os dados alcançados foram sistematizados e analisados, a partir das informações coletadas no questionário, de acordo com a sua influência para a pesquisa de campo.

Por meio desse objeto de pesquisa organizamos a análise de dados, capítulo relevante como cita Barros e Lehfeld (2009, p. 87) “A fase da análise de dados constitui-se um momento muito importante de todas as pesquisas, pois é nela que buscamos as respostas pretendidas, através da utilização dos raciocínios indutivos, dedutivos, comparativos etc.”. Desta forma, necessitamos investigar prudentemente e detalhadamente cada resposta, uma vez que é por intermédio deste que iremos ter respaldo para responder o nosso questionamento de pesquisa.

O esquema do questionário se divide em duas partes: inicia com os dados pessoais das professoras e a outra com as perguntas sobre a atividade de desenhar em sala de aula. Os dados pessoais contêm informações sobre idade, tempo que leciona e a formação de professora. O corpo docente da Educação Infantil da escola campo possui um total de doze professoras, incluindo a observadora que também faz parte do corpo de professores, no entanto, a pesquisadora não participou do questionário, apenas nove responderam, pois as outras educadoras não mostraram interesse na pesquisa, os gestos corporais e expressões faciais dessas duas professoras indicaram uma total insatisfação. As professoras possuem idade que varia entre 23 anos a 43 anos. Com relação ao tempo de experiência duas das nove professoras possuem menos de cinco anos e formação em Pedagogia, sendo que uma delas está ainda em processo de formação e a outra já possui especialização em Educação Infantil.

As questões elaboradas são imprescindíveis em razão de proporcionar conhecimento e singularidade acerca da problemática abordada.

No tocante às questões, serão apresentadas a partir da questão quatro, pois os que antecedem como a questão um, dois e três como já foram citados acima se referem às questões de caráter de identificação das professoras.

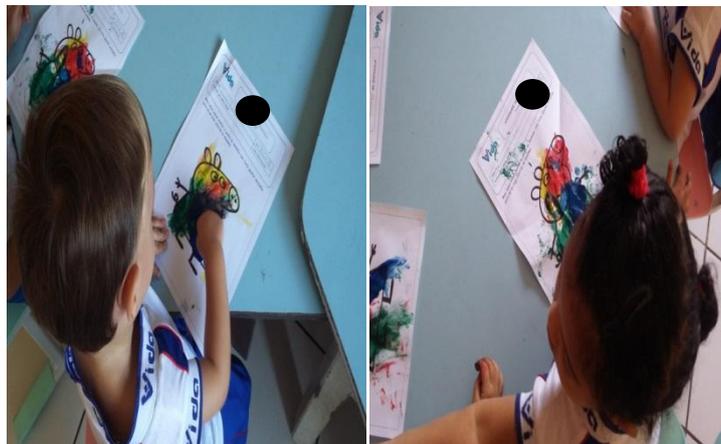
As questões apresentam a seguinte conjuntura: se existe plano pedagógico para o exercício com o desenho infantil no ambiente escolar. O propósito da questão quatro é saber que tipo de desenho as professoras costumam realizar com seus alunos.

Figura 18 – Turma do Maternal II



Fonte: Acervo da autora

Figura 19 – Turma do Maternal II



Fonte: Acervo da autora

Na turma do maternal II (Figura 15 e 16 – Acervo da autora), a professora alegou em uma conversa informal que a intenção do uso das atividades mimeografadas é treinar a coordenação motora, lateralidade e etc.

As professoras pesquisadas, das nove, duas responderam que aplicam o desenho com um tema determinado, outras duas adotam os desenhos fotocopiados p/ pintar, uma afirmou que utilizam representando uma história infantil, já quatro professoras empregam o desenho livre. Um ponto importante a ser destacado é a questão do desenho livre, porque para as crianças é fundamental constatar suas particularidades e capacidades ao longo dessas atividades, sendo que o criar é mais importante do que o resultado e além do que essa deseja que suas produções sejam apreciadas pelos adultos sem a interferência dos mesmos. Já as demais utilizam atividades com o desenho mimeografado, prática essa que acaba incentivando as crianças a reproduzirem os desenhos seguindo os padrões que o professor já ofereceu, tornando os desenhos repetitivos.

Figura 20 – Turma do Maternal III



Fonte: Acervo da autora

Na turma do maternal III (Figura 17 – Acervo da autora) em uma conversa informal a professora alegou utilizar atividades com o desenho pronto, pois trabalhar a coordenação motora nessa faixa etária é muito importante, haja em vista que, quando for para as séries seguintes não terão nenhuma dificuldade para segurar no lápis.

Na questão seguinte a pergunta foi com relação à frequência que as docentes utilizam o desenho em sala de aula:

Professora A: “Todos os dias”

Professora B: “Durante a semana utilizo 3 vezes”

Professora C: “Sempre”

Professora D: “2 vezes por semana”

Professora E: “Todos os dias”

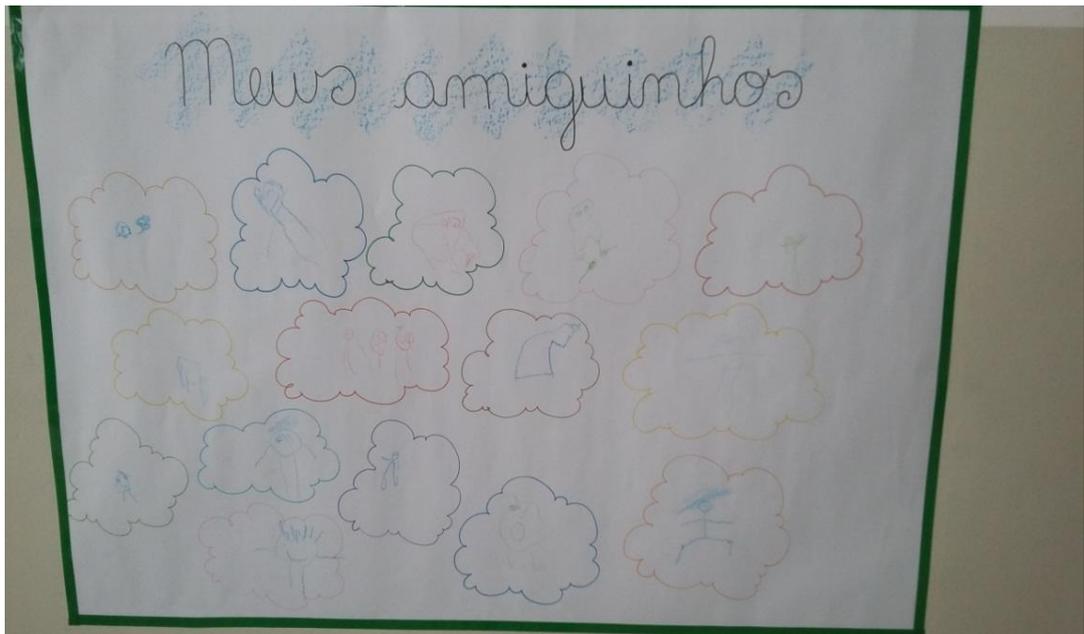
Professora F: “Às vezes a cada 15 dias, estamos com o projeto no momento, os alunos tem explorado o desenho toda semana”.

Professora G: “Sempre que necessário”

Professora H: “Uma vez por semana eu conto uma história e peço para eles representarem através de desenho”

Professora I: “Uma vez por semana”

Figura 21 – Desenhos do Jardim I



Fonte: Acervo da autora

Figura 22 – Desenhos do Jardim I



Fonte: Acervo da autora

Essa atividade (Figura 18 e 19 – Acervo da autora) foi desenvolvida pela professora do Jardim I - manhã, ao começar um novo ano letivo através da dinâmica da socialização, em uma roda de conversa a educadora explicou aos alunos, que eles deveriam desenhar no cartaz seus amiguinhos da escola, pois muito deles já eram alunos da escola e já tinham um vínculo de amizade com os colegas da sala. Essa tarefa tem como objetivo proporcionar uma acolhida fraterna, valorizando sua presença na escola, e conseqüentemente, a socialização da criança estará sendo desenvolvida de maneira harmônica com excelência, perante o ponto de vista da independência, confiança em si, adaptabilidade e rendimento intelectual.

As respostas mostram que há uma oscilação, ou melhor, dizer, algumas professoras de fato aplicam a prática do desenhar como peça fundamental na sua rotina pedagógica. Desta forma é indispensável expor e contribuir na reflexão sobre viáveis modificações na conduta dos professores, com interesse de utilizarem a prática do desenho infantil verdadeiramente como uma realização cotidiana.

Apresento a seguir a próxima questão proposta às professoras: Você considera o desenho uma atividade importante para o desenvolvimento da criança? Por quê?

Professora A: “Sim, porque através do ato de desenhar a criança trabalha sua imaginação e autonomia”.

Professora B: “Sim, pois é uma forma dos pequenos expressarem seus conhecimentos prévios”.

Professora C: “Sim, porque trabalhamos a linguagem a imaginação”.

Professora D: “Sim, porque estimula a criatividade”.

Professora E: “Sim, porque estimula a imaginação da criança”.

Professora F: “Sim, porque através do desenho a criança se expressa desenvolvendo a autonomia, sua maneira de ler o mundo de pensar”.

Professora G: “Sim, é através do desenho que algumas crianças conseguem expressar algum sentimento e habilidade”.

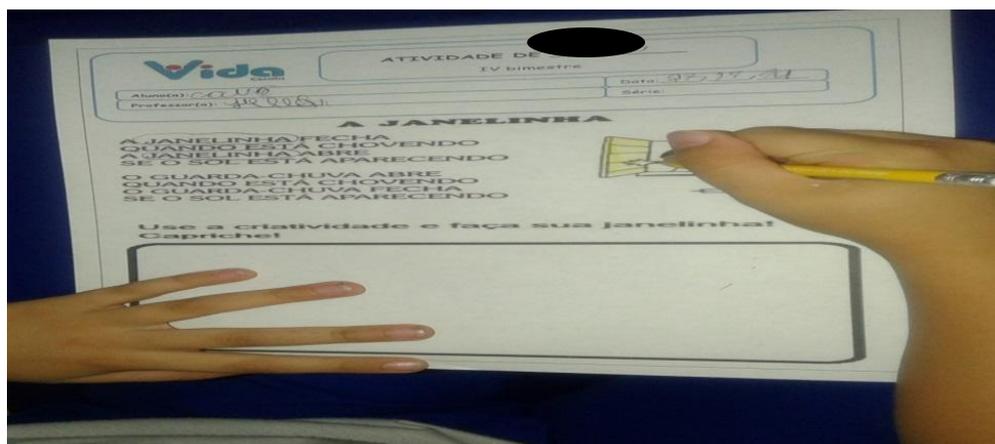
Professora H: “Sim, porque auxilia no desenvolvimento da imaginação e interpretação”.

Professora I: “Sim, é um ato de expressão onde manifesta seus sentimentos e emoções”.

As respostas fortalecem a importância que as docentes dão ao desenho, afirmando, na compreensão das mesmas, quanto à magnitude desse exercício para o crescimento infantil. Elas ressaltam as contribuições pertinentes no ato de desenhar, mencionando, desde construção de habilidades, autonomia, até a expressão de sentimentos e emoções.

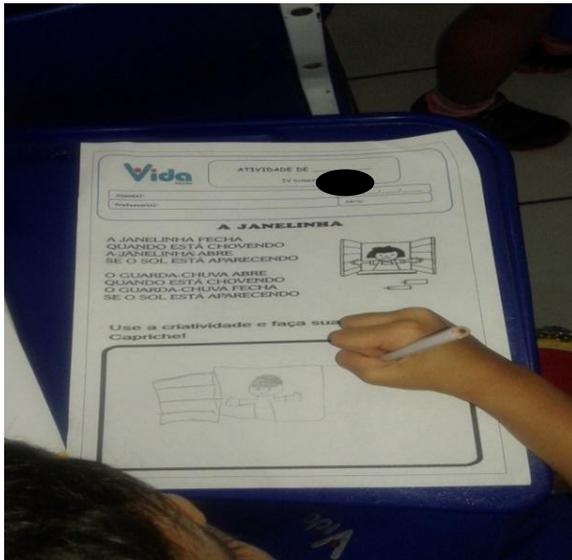
Através do desenho a criança expande, em maior ou menor proporção os seus sentimentos, já que quanto maior o envolvimento do indivíduo em seu feito, maior a chance de existir suas tristezas ou alegrias, as experiências vividas que lhes causam entusiasmo, prazer, espanto e tantas outras emoções.

Figura 23 – Desenhos do Jardim II



Fonte: Acervo da autora

Figura 24 – Desenhos do Jardim II



Fonte: Acervo da autora

Figura 25 – Desenhos do Jardim II



Fonte: Acervo da autora

Nessa atividade (Figura 20 e 21 – Acervo da autora) a professora do jardim II- manhã trabalhou a música da “Janelinha” e depois solicitou que seus alunos, usassem a sua criatividade e desenhassem a sua janelinha, as crianças gostaram muito dessa atividade, cada uma usou livremente da sua imaginação e fantasia.

A outra questão foi referentes às maiores dificuldades enfrentadas em sala de aula quando as crianças estão desenhando:

Professora A: “Algumas crianças tem preguiça, com isso, fazem qualquer rabisco para terminar rápido”.

Professora B: “Não sinto dificuldades nos momentos de desenhos”

Professora C: “Nenhuma”

Professora D: “Até o momento não houve grandes dificuldades”

Professora E: “Não existe dificuldade”

Professora F: “Não tenho muitas dificuldades, às vezes alguns alunos dizem tia eu não sei desenhar”.

Professora G: “Em alguns momentos sinto com determinadas crianças a dificuldade de se expressarem”.

Professora H: “Enquanto elas desenhavam conversam bastante”.

Professora I: “Saber o que as crianças estão expressando no desenho”.

Todas as respostas indicam semelhanças entre si, pois o uso do desenho em sala de aula não tem apresentado dificuldades, com exceção das professoras A, F, G, H, I. Consideramos que têm faltado princípios teóricos- metodológicos, para que esse entendimento se desenvolva. O professor deve ter uma formação onde possa rever essas atitudes sobre como trabalhar o desenho das crianças.

A questão oito aborda a indagação da intervenção ou não das professoras enquanto as crianças estão desenhando:

Professora A: “Costumo deixar livre, mas quando temos um tema específico, procuro estimular a criança p/ que desenhe os detalhes que faltar”.

Professora B: “Deixo-as livres”

Professora C: “Às vezes sim outras não dependendo do enunciado da atividade”.

Professora D: “Só intervenho quando o desenho é com tema determinado, incentivando-os no pintar com as cores corretas etc”.

Professora E: “Deixo livre, depois da apresentação do tema proposto que façam do seu jeito; da maneira que eles quiserem fazer”.

Professora F: “Quando elas dizem que não sabe desenhar eu falo; para elas fazerem do seu jeito; da maneira que elas quiserem fazer”.

Professora G: “As deixo livres para assim possam se sentirem de tal forma”.

Professora H: “Deixo-as livres não repreendendo, quando estão desenhando algum objeto que não condiz com sua forma original”.

Professora I: “Deixo livre”.

Cada resposta salientou que as professoras estão fundamentadas mais na liberdade do que na severidade docente. O desenho como uma especial configuração indispensavelmente à Educação Infantil, sendo esse necessário por em ação, consentindo que a criança use sua criatividade e liberdade sem a ingerência do adulto no seu ato de criação.

O bom seria que o educador reveja sua atividade, para o avanço das revelações e concepção infantil, respeitando sua sensibilidade de observação para cada criança, conseguindo aceitá-la qualquer uma com suas disparidades de ritmo, curiosidade, interesse, habilidade e etc. Orientações essas, que deve ser cheia de reflexões e diálogos.

As produções infantis refletem então a crueldade dos acontecimentos, o trágico sobressai, posto que tais fatos sejam apreendidos ao nível mais cotidiano da vida, a criança mistura com os massacres e com cenas de guerra os elementos que fazem parte de seu vocabulário habitual: sol, flores, casas. (MÉREDIEU, 2001, p. 114)

Apenas a partir da observação e compreendendo o universo da criança, as professoras conseguem responder questões como as que seguem: Como você vê o desenho dos seus alunos?

Professora A: Não respondeu a pergunta

Professora B: “Um meio de expressar o que sente e também a criatividade de cada um”.

Professora C: “Eu acho lindo e importante para o seu desenvolvimento”.

Professora D: “Interessantes, pois são feitos da imaginação dos mesmos”.

Professora E: “Como expressão de sentimento de cada criança”.

Professora F: “São bastante expressivos”.

Professora G: “Costumo ver de maneira expressiva e positiva”.

Professora H: “Criativos”.

Professora I: “Vejo como intenção de comunicar algo, onde ela se expressa de maneira livre”.

É imprescindível que a criança desenvolva uma ação criativa, bem como o começo desta atividade se dá nos primeiros anos de sua vida. Ao ir para a escola a criança acaba carregando sua bagagem particular, que às vezes parece desnecessária para o adulto, mas a criança não se empenha em satisfazer aos pais e nem ao professor, mas sim subtrair seus anseios e alcançar firmeza em seu especial meio de expressão, o desenho.

Constitui-se como indispensável dispor de um olhar diretamente acentuado para explorar e perceber as artes das crianças, sendo o professor que faz de seus alunos um artista.

Com relação à questão dez que se refere aos comentários que as professoras costumam fazer aos desenhos das crianças.

Professora A: “Positivos”

Professora B: “Positivo”

Professora C: “Sempre comentários de elogios positivos”

Professora D: “Positivos”

Professora E: “Sempre positivos”

Professora F: “Sempre pergunto o que eles desenharam; coloco algumas observações quando eles representam emoções”.

Professora G: “Sempre positivos! Até mesmo daqueles que são vistos como negativos procuro tirar uma visão positiva”.

Professora H: “Positivos – Está lindo! – Gostei! – Parabéns”.

Professora I: “Positivos, de forma alguma quero constrangê-los”.

Desenhar é uma ação bastante considerável para a criança, nele ela busca expor alguma coisa expressiva no momento. Por esta razão valorizar o desenho e despertar os professores a admirar os desenhos de seus alunos.

Não há desenho idêntico mesmo que as crianças desenhem sobre o mesmo tema, uma vez que cada criança fará sua compreensão própria.

A criança não se importa com a dimensão estética, com proporção e cores, ela possui uma vontade intensa de se manifestar. Nele, ela usa toda abundância de emoção. Os desenhos das crianças, isto é, todas as ilustrações representadas, as particularidades, cores, e o que se apresenta no desenho têm seu significado e seu mérito.

Muitas são as maneiras de aplicar o desenho na Educação Infantil, mencionando a questão onze no que se refere aos alunos gostarem de desenhar. Quais as reações deles quando a professora solicita um desenho?

Professora A: “Gostam muito. Quando entrego folhas para que desenhem livremente eles comemoram”.

Professora B: “Ficam entusiasmados”.

Professora C: “Eles adoram, principalmente para a troca de cores com giz de cera”.

Professora D: “Sim, eles gostam bastante, sempre solicitam uma folha para que possam desenhar livremente”.

Professora E: “Sim. Euforia e alegria”.

Professora F: “Eles gostam de desenhar”.

Professora G: “Adoram! Expressam liberdade e muita criatividade”.

Professora H: “Sim. Eles ficam eufóricos e já vão falando o que vão desenhar”.

Professora I: “Sim, gostam, a reação é bem prazerosa, pois eles gostam de imitar”.

Novamente as respostas das professoras foram unânimes, já que desde pequena as crianças constataam que da ponta de seus dedos brota a força da vida. Posteriormente, ela já entende que suas mãos agarram o objeto possível de gerar símbolo sobre qualquer espaço, manuseia materiais e realiza movimentos descobrindo formas de se relacionar com o mundo.

A aptidão para desenhar faz parte do ser humano, como ninguém nasce conseguindo falar, andar e escrever, o desenho da mesma forma é uma prática que vai se construir a partir de muitas e frequentes experimentos que qualquer criança irá viver.

Frequentemente as crianças da Educação Infantil têm essa liberdade em expressar-se através do desenho, e se forem estimuladas a desenhar o farão com alegria e com liberdade para desenvolver seu potencial, pois por intermédio dele pode-se conhecer melhor o universo infantil.

Considero importante ressaltar o processo de intervir de forma a motivar os alunos. Segundo Lowenfeld e Brittain :

Se fosse possível que as crianças se desenvolvessem sem nenhuma interferência do mundo exterior, não seria necessário estímulo algum para seu trabalho artístico. Toda criança usaria impulso criadores profundamente arraigados, sem inibição confiantes em seu próprio meio de exprimir-se. Quando ouvimos uma criança dizer: "Não sou capaz de desenhar", podemos estar certos de que houve alguma espécie de interferência em sua vida. (1977,p19).

Fazendo referência à questão doze, que aborda sobre quando os alunos desenham, eles têm espaço para imaginar e criar as resposta das respectivas professoras foram as seguintes:

Professora A: "Sim, com certeza. A própria atividade de desenhar requer isso, não cabe ao professor dizer o que deve ser feito, nem como deve ser feito".

Professora B: "Sim"

Professora C: "Sim. Muito, eles desenham em papel grande por não terem noção do espaço".

Professora D: "Sim"

Professora E: "Claro que sim, trabalhar a criatividade e imaginação da criança é essencial".

Professora F: "Sim uma vez que lhe é proporcionado o desenho livre, para ilustrar a parte de uma brincadeira, ou a história que eles gostaram".

Professora G: “Sim! Procuo proporcionar um momento agradável”.

Professora H: “Sim. Cada criança recebe a sua folha e deixo-os livres, desenhando da maneira que quiser e interagindo com os colegas”.

Professora I: “Sim”

Mais uma vez as respostas todas foram invariáveis, uma vez que é necessário valorizar as criações dos pequenos, apesar de que, dependendo da faixa etária, nenhum significado tem para o professor, mas para eles há uma grande interpretação em seus desenhos, pois na Educação Infantil a criança inicia sua vida social.

Infelizmente existem alguns professores da Educação Infantil, e até mesmo a própria família, que almeja que cada vez mais cedo as crianças imitem o verdadeiro com o extremo de fidelidade. Para Derdyk (1989):

Alguns professores da pré-escola ansiosamente descarregam técnicas para a criança ‘aprender a desenhar’, inibindo desta forma qualquer tipo de exploração ou ‘subversão’, tanto em relação ao uso do material quanto a manifestação de elementos gráficos que expressem o imaginário pessoal (1989, p.19).

A respeito das respostas apresentadas na questão treze, que se refere à avaliação de seu trabalho com as crianças no tocante ao desenho, as respostas foram as seguintes:

Professora A: “Ótimo, pois fazendo uma análise dos desenhos no começo do ano e agora no final posso ver o crescimento dos alunos, que desenharam cada vez mais com detalhes”.

Professora B: “Me sinto realizada, pois é um trabalho gratificante”.

Professora C: “Por meio do desenho a criança desenvolve noções de tempo e espaço, o desenho é parte importante para seu desenvolvimento infantil, como para o conhecimento dos alunos”.

Professora D: “Satisfatório”

Professora E: “Vejo o trabalho realizado de forma satisfatória”.

Professora F: “Satisfatório”.

Professora G: “Acredito que a avaliação nunca é feita de maneira individual e sim em conjunto. Então é dessa forma que faço uma avaliação conjunta (desenho, oralidade, comportamento)”.

Professora H: “Bom, pois depois desse questionário, refleti e percebi que preciso aplicar com mais frequência”.

Professora I: “Através da linguagem, coordenação motora e visual”.

Através das respostas das professoras, pude novamente ver a preocupação e o compromisso que as mesmas têm no que se refere à prática do desenho nas crianças, com apenas uma restrição à professora “G”, que fez referência não apenas a avaliação do desenho em si, mas como também a outros fatores que fazem parte de critérios avaliativos na Educação Infantil.

Tendo em vista a importância da arte na escola para a criança, proporcionando um melhor desenvolvimento cognitivo, uma vez que, desprezar a contribuição do desenho para a aprendizagem é uma conduta contrária ao próprio avanço psicomotor da criança.

Sobre as discussões coletivas entre colegas e a coordenação para a elaboração do planejamento incluindo o desenho, as respostas foram as seguintes:

Professora A: “Não é um dos primeiros objetivos, nem ponto principal de reuniões, mas enquanto professores formados sabemos a importância do desenho”.

Professora B: “Sim”

Professora C: “Às vezes sim nas reuniões e nos planejamentos elaborado”.

Professora D: “Sim, pois somos incentivadas a realizar um planejamento lúdico”.

Professora E: “Não”

Professora F: “Não”

Professora G: “Se necessário, sim”.

Professora H: “Sim”

Professora I: “Sim”

Nas respostas da questão quatorze, houve uma dualidade por parte das educadoras, uma vez que as professoras “A”, “E” e “F” afirmaram que não acontece uma conversa entre a coordenação e as professoras, no que refere incluir nos planejamentos as atividades em que a criança possa fazer desenhos, com destaque para a professora “A”, que, mesmo sem haver essas discussões, ela tem a consciência do valor do desenho infantil e o desenvolve sem precisar que coordenador ou supervisor direcione. Afim, identifiquei uma fragilidade pela parte pedagógica da escola no que se referiu a esse ponto, de não haver um incentivo às professoras para desenvolver em suas aulas atividades lúdicas com os desenhos

das crianças, haja em vista, que o desenho tem uma função importante no desenvolvimento da criança.

O desenho deve ser percebido como um método de trabalho usado pela escola e pelos educadores, e, por consequência deve ser abertamente discutido dentro do planejamento educacional, julgando ser um instrumento básico para todo o processo de aprendizagem que inicia na Educação Infantil e reflete no Fundamental.

Através das respostas dos questionários sobre a última questão, se as professoras conhecem as fases do grafismo infantil e as reconhece nos seus alunos e como as reconhece:

Professora A: “Não. A maioria é de fácil compreensão, no entanto, outros precisam perguntar o que a criança desenhou”.

Professora B: “Sim”

Professora C: “Sim. A partir do momento que eles desenharam eles criam com sua imaginação e suas emoções”.

Professora D: “Não”

Professora E: “Sim”

Professora F: “Sim. Reconheço através do desenvolvimento dos desenhos, que desde as garatujas até o simbolismo dos seus pensamentos expressados nos desenhos”.

Professora G: “Não”

Professora H: “Sim. Através dos traços do desenho o relato das crianças do que significa aquele desenho, eu relaciono e identifico a fase”.

Professora I: “Não”

De acordo com as respostas, pude observar que das nove professoras cinco responderam que conhecem as fases do grafismo, no entanto suas justificativas deixaram a desejar, pois nenhuma delas detalhou de maneira explicativa os estágios do grafismo. Suas respostas só apresentaram que o desenho é onde a criança retrata a questão da imaginação e emoção, mas de fato não afirmaram ter domínio teórico do assunto.

É fato o grafismo ser de alto valor para o conhecimento do professor dentro da sua profissão, porquanto este deve interpretar a evolução dos desenhos feitos pelas crianças e qual a influência desta fase dentro da vida da criança. A mesma tem suas particulares ideias e leituras sobre a realização da arte e o fazer artístico.

Portanto, é imprescindível que o educador reconheça as etapas do desenvolvimento do desenho infantil com base de diferentes teóricos, visto que assim ele será competente para refletir no trabalho das crianças com prudência, apresentando atividades que contribuam na metodologia de aprendizagem deus seus alunos. A base teórica é muito importante para que ocorra menos perigo em exigir capacidades que as crianças ainda não dominam e de promover ainda não que acometem o avanço e a autoestima das mesmas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade desse trabalho foi analisar O olhar das professoras da Educação Infantil no tocante ao desenho infantil, podemos redigir algumas considerações a respeito da evolução do grafismo infantil, bem como pudemos pressupor, através dos questionários aplicados as professoras, como as mesmas trabalham os desenhos dos seus educandos e a conduta que elas procedem diante dos símbolos apresentados pelas crianças. A conclusão obtida nos fazem admitir que o desenho detém atributos de caráter particular, no qual, busca verdadeiros cuidados pedagógicos e éticos.

Este entendimento tornar possível a compreensão e o reconhecimento do desenho infantil e nos revela o valor da atividade de desenhar, porque com certeza o mesmo é um importante método pedagógico e se for bem embasado será capaz de colaborar para despertar as crianças em relação a instruir-se de grande parcela os conteúdos das disciplinas escolares.

De antemão é indispensável modificar a opinião de que desenhar não é um simples ato de distração, mas sim pode ser um prazer de acordo a cooperar para um desenvolvimento completo da criança.

Por esse motivo afirma-se a conduta do professor como imprescindível, devido que a ação do educador está intimamente relacionada à frustração ou êxito da atividade, isto é, a atitude do docente deve cooperar para incentivar, aconselhar e não limitar.

Como consequências dessa pesquisa puderam fazer um estudo pertinente quanto à postura das professoras, visto que algumas professoras ainda não conseguem fazer a leitura correta do desenho infantil, sendo cabível salientar que muitas crianças ainda não conseguem falar e se exprimi por meio de desenhos.

Este projeto de investigação foi de grande importância para o meu âmbito educacional, por conseguinte que proporcionará um sensato entendimento sobre a importância do desenho na Educação Infantil, então considerando as reflexões e observações realizadas no decorrer deste trabalho monográfico, finalizo meu escrito na afirmação de que ainda há muito que se entender e analisar sobre o desenho infantil, do mesmo modo satisfeita por ter compreendido algumas relações que contemplam o grafismo infantil, processo tal qual é extraordinário e desafiador, então

diante de todas as informações é possível demonstrar que o desenho assume um aspecto indispensável ao desenvolvimento da criança, bem como é uma relação de ligação entre ela e o exterior.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. 2º ed. São Paulo: Vozes, 2000.
- BRASIL. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1996.
- BARBOSA, Ana. Mae. **A imagem no ensino da Arte**. São Paulo: Max Limonad, 2002.
- BARROS, A.J.P. LEHFELD, N.A.S. **Fundamentos da metodologia: um guia para a iniciação científica**. São Paulo: Mc Graw- Hill, 2009.
- CAMARGO, Fátima. **Criança e educação: uma trajetória cultura e institucional**. São Paulo: n. 39, p. 12- 14 abr. 2005.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.
- DONDIS, Donis. **Sintaxe da linguagem visual**. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERREIRA, V. S. **Desenho e escrita: relações na construção da escrita alfabética**. Itajaí, SC, 1997, 79p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI.
- GALLAHUE, David L. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3º ed. São Paulo: Phorte, 2005. 585 p.
- GONSALVES, E.P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2001.
- LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. São Paulo: Avercamp, 2006.
- LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.
- LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- LUDKE, Menga; André, Marli E.P.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986.

MIRANDA, Priscila Siqueira da Silva Maia de. **Brincar e movimentar-se. Atividades lúdicas atendem necessidades psicomotoras das crianças.** n. 93, Cpoec, n. 93, p. 9-13, jan./mar. 2008.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O Espaço do Desenho: A Educação do Educador.** São Paulo: Loyola, 1984.

APÊNDICE A**Questionário pré-estruturado**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

QUESTIONÁRIO

Este questionário é parte integrante do trabalho de conclusão de curso da aula: Jackueline Marinho da Silva, acadêmica do 8º período do curso de Pedagogia – Licenciatura, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. A pesquisa constará no trabalho intitulado: O OLHAR DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM RELAÇÃO AO DESENHO, tendo como orientadora a professora Margarida Sonia M. Monte Silva, desde já agradeço a participação de todas, destacando a pesquisa de caráter que irá garantir a total privacidade da pessoa pesquisada.

Com base em seus trabalhos como professora, responda, por favor:

Iniciais:

Idade:

1- Há quanto tempo leciona na Educação Infantil?

() menos de 5 anos

() mais de 5 anos

2- Qual a faixa etária que atua?

3- Possui formação superior?

() Sim Qual?

() Não

4- Que tipo de desenho você costuma realizar com seus alunos?

() livre

() fotocopiados p/ pintar

() com tema determinado

() representando uma história infantil

() outros

5- Qual é a frequência que você utiliza o desenho em sala de aula?

6- Você considera o desenho uma atividade importante para o desenvolvimento da criança?

() Sim

() Não

Por que?

7- Quais as maiores dificuldades enfrentadas por você em sala de aula quando as crianças estão desenhando?

8- Você intervém enquanto as crianças desenhavam ou as deixa livres? Poderia dar um exemplo?

9- Como você vê o desenho dos seus alunos?

10- Quando as crianças desenhavam você costuma fazer comentários positivos ou negativos?

11- Os alunos gostam de desenhar? Quais as reações deles quando você solicita um desenho? Fique a vontade

12- Quando os seus alunos desenhavam, eles têm espaço para imaginar e criar?

13- Como você avalia o seu trabalho com as crianças no tocante ao desenho?

14- Existem discussões coletivas entre colegas e a coordenação para a elaboração do planejamento incluindo esse assunto?

15- Você conhece as fases do grafismo infantil e as reconhece nos desenhos de seus alunos? Como as reconhece?

() Sim

() Não